

NOTAS DO TEMPO

1 Instabilidade é tónica do tempo em que vivemos. Em quase todos os domínios, a quase todos os níveis, a transformação ultrapassa a perspicácia das previsões, a capacidade de acompanharmos. Transformação que nem sempre é para melhor. Muitas vezes resulta de uma procura às cegas, de uma ansia adolescente de mudar, do pudor injusto das metas alcançadas, como se cada uma destas não tivera trazido ao património da Humanidade alguns valores perenes.

É assim na Escola; é assim nos ofícios — para falarmos de campos onde a nossa vida decorre.

Na Escola, desde a orgânica dos estudos, aos programas, às técnicas de avaliação, as experiências multiplicam-se, parece que sem o amadurecimento prévio indispensável. Os alunos desta geração sofrem em demasia os riscos de cobaia. Que o fossem em certo grau, ao serviço de uma perfeição maior sempre em conquista — sim. Mas evolução em que as crianças e os jovens são envolvidos sem determinação da sua vontade, tantas vezes contra as exigências da sua personalidade em formação — não será atentado aos seus direitos?!

A dúvida, a hesitação promovem a busca da verdade, a aquisição de certezas profundas. Mas não podem saturar o clima em que se desenvolve a criança e o jovem. Eles precisam de respirar certezas, que ao longo das gerações os homens foram adquirindo. A dúvida, a hesitação são es-

tímulo para pensar e pensar é um dever do Homem. Mas nenhum andar se constrói senão sobre um andar anterior e este tem que contar com alcerces estáveis para que todo o edifício não se desmorone.

Passsei agora pelas Escolas secundárias a saber do aproveitamento dos nossos que as frequentam. Conversei com professores. Apercebi-me melhor das suas dificuldades que, necessariamente, redundam sobre os alunos. Não vim tranquilo acerca do presente e do próximo futuro.

2 No sector profissional, onde a Técnica pontifica, aí o avanço é ainda mais veloz e temos de nos regozijar por ele. Mas traz-nos novas preocupações que, de momento, nos aparecem insolúveis.

Há dias, falando com o Responsável maior de uma empresa jornalística junto de quem procurávamos emprego para um dos nossos tipógrafos recém-saído da vida militar, ouvimos-lhe este augúrio: «Os sistemas tradicionais de composição mecânica tendem rapidamente para objecto de museu. A nossa empresa e as congéneres pensam para breve a sua substituição por equipamento de foto-composição. A aprendizagem de linotype é uma escola sem futuro».

É isto: não conseguimos apanhar o passo do progresso das técnicas! Há pouco mais de um ano foi a «offset». Uma actualização de equipamento numa oficina-escola, como são as nossas, ninguém a pensa, decerto, uma exigência da produção, uma condição de maior rentabilidade. É um instrumento em busca de uma melhor preparação — e mais nada! Agora este desafio: «Os sistemas tradicionais são escola sem futuro». Quem pode pensar nu-

Cont. na 4.ª pág.

Benguela



A colheita da batata, em Benguela, é motivo d'alegria — expressa na cara deles.

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Começou mais um ano. Um ano de vida e que seja para todos um ano de esperança. Que ao findar este novo ano que agora começou todos sintamos a tranquilidade e felicidade do dever cumprido.

Somos todos mais alertados para os direitos da Criança. A Criança, o grande tesouro tantas vezes escondido e abandonado, tesouro que temos de procurar estimar. Por nossa parte vamos continuar à procura destes tesouros. Quando os encontrarmos (e há tantos!) havemos de convocar os ami-

gos e fazermos festa. Como Jesus Cristo nos ensina no Evangelho!

■ De passagem na cidade, em duas casas fomos chamados por causa do Paulo que está no hospital, ali internado por ser muito maltratado pela avó. O Paulo tem 8 anos e nasceu em Lisboa, nas ruas onde foi gerado. A mãe do Paulo é solteira e continua pelas ruas. Há tempo veio com o filho e deixou-o e não voltou. A avó do Paulo não pode com a vida dele e maltrata-o. Há escândalo

na cidade. Há um mundo de compaixão à volta do Paulo.

Pedimos que o estado de saúde psíquica do Paulo fosse visto. O psiquiatra diz-nos que o pequeno revela atraso mental e não aponta meios certos de recuperação. «Algum tempo de experiência numa Casa do Gaiato?» «Isso agora depende da sua bondade de alma.» Ficou-me o Paulo mais atravessado no coração. No hospital esperam pelo lugar a que o Paulo tem direito.

Cont. na 3.ª pág.

Calvário

Ontem levei a sepultar uma pobre enferma. Após alta médica, estivera dois meses no hospital à espera que a fossem buscar. Mas todos se escusaram desde os mais próximos aos mais afastados familiares, alegando cada qual as suas razões.

Chegada que foi ao Calvário, começou a corrida dos parentes e amigos, pois aqui não a mandariam para suas casas.

Veio por fim o óbito e para o funeral apresentaram-se cinco carros repletos de gente, dita amiga. Fiquei espantado! É o costume. Em vida todos fogem. No funeral aparece o mundo todo. Fica bem. É um passeio. É até um pretexto para faltar ao trabalho...

Há dias o Senhor chamou-nos outra doente. O caso foi pior. Esta vivia em abandono quase total. O pároco interferiu e informou-nos. Ora, após a morte da pobre-velhinha, as vizinhas iniciam a corrida costumada. — «Ai ela tem que ir para a nossa terra. Fazia parte duma Irmandade.» Senhores importantes apresentam-se também para reforçar o pedido. — «A gente ficava com remorsos.» Em vida da Pobre não os tiveram. Agora sim. — «Ai ela tanto nos pediu.» E foram carros e carros a gemer a mesma súplica. E a tia Emília lá foi para servir de pretexto ao colorido espectáculo.

Fiquei triste. Fico sempre triste com este descaramento. Normalmente os que aqui são chamados à Vida aqui ficam até à ressurreição na modéstia digna do nosso Campo Santo. Mas o mundo gosta de aparato e por conseguinte nem com os mortos é capaz de ser simples e comedido. Nós portugueses temos um fraquinho pelo espectacular. Talvez seja compensação inconsciente ao vazio interior.

Certamente como eu muitos guardam na memória a recente campanha nacional efectuada em Dezembro passado. Ela confirma aquilo que atrás refiro: a nossa inclinação nata para o aparato. Ora, achei tudo aquilo na verdade espectacular e pouco mais, para além de fortemente deseducativo, para um povo. E várias são as razões do meu achado.

Primeiramente a publicidade descarada do que se pretendia oferecer.

Depois o exemplo a colher pelos mais novos e não só. Se é condenável a pedincha, como desejamos que ela acabe ao mostrarmos sentir prazer com a existência de necessi-

PELAS CASAS DO GAIATO

Benguela

AMOR DE MÃE — Não há nada no Mundo de 'mais belo para uma criança, e até para toda a Humanidade, do que o amor de mãe. Este afecto que todas as mães expiram desde o início da geração de um novo ser (uma nova criatura), é que constitui a chamada felicidade da criança.

Uma criança pode não ter nada, mas se tem o amor de mãe, tem tudo, porque se sente feliz.

O amor de mãe é a causa da felicidade dentro de um lar. Ninguém vem ao Mundo sem pai e mãe. Mas acontece sucessivamente que, logo nos seus primeiros dias de vida, uma criança não tem pais, e quando isso acontece, essa mesma criança deixa de sentir esse grande e maravilhoso afecto materno.

Como é triste pensar numa criança que se encontra em tais circunstâncias! Mas quando o destino marca não há outro rumo a escolher.

Poderemos, sim, é substituir os seus pais por outros responsáveis pela sua educação, reduzindo desta forma a dor da mágoa que lhe proporciona a vida. É o que acontece com as nossas Casas do Gaiato.

A criança que cresce sem amor materno, se não for bem acompanhada por outros responsáveis pela sua educação, em geral vem a ser sempre homem perverso, homem de mau carácter. E porquê? Só porque durante o crescimento da sua formação sofreu complexos e pensou: — Os outros têm pai e mãe e eu não tenho! Realmente, quem tem seus pais desde nascença raramente chega a ponto de pensar como é tão triste não sentir o amor de mãe.

Na verdade Pai Américo pensou, e baseou-se talvez numas ideias idênticas a estas, para fundar a maravilhosa Obra da Rua — a Casa do Gaiato, que eu comparo ao amor de mãe.

Casa do Gaiato significa amor materno.

Casa do Gaiato significa amor paterno, significa carinho. Carinho

para crianças desamparadas, crianças que sofrem, que são vítimas das maldades deste mundo. Por este motivo, houve, há e haverá sempre a necessidade de se seguir o grandioso exemplo de Pai Américo e de todos os seus continuadores, que neste momento são, e serão para o futuro, o eco da palavra de Pai Américo.

António Vieira Manuel

Miranda do Corvo

CONVÍVIO — Os passados dias 6 e 7 foram, em nossa Casa, dias de autêntico convívio com os nossos Amigos.

Assim, no dia 6, os nossos Amigos de Miranda do Corvo (os mordomos dos carros das nossas Festas) resolveram pagar-nos o jantar desse dia.

Estes amigos compraram um porco e o resto foi fácil. Foi matar o porco, chamuscá-lo e escolher as melhores partes para prepararmos as febras assadas. Além do porco ofereceram-nos também as bebidas, para que assim nada faltasse. Estes amigos trouxeram as suas famílias e jantámos todos em autêntico convívio. Neste mesmo dia fomos visitados por uns senhores da Rádiodifusão Portuguesa que vieram fazer uma reportagem sobre o aniversário da nossa Casa.

FESTA DUPLA — No dia seguinte houve festa dupla em nossa Casa.

Primeiro, porque a nossa Casa completou o 39.º aniversário da sua fundação; depois porque nesse mesmo dia recebemos muita gente amiga. Foram os amigos de Coimbra que jamais nos esquecem e que uma vez mais, este ano, vieram numa excursão e em carros próprios para confraternizarem um pouco connosco. Mas vamos começar pelo princípio. Para haver festa é preciso que haja quem faça os preparativos e todo o resto que é essencial. Por isso muitos dos nossos rapazes andaram atarefados, toda a manhã, a limpar a casa e a preparar tudo o resto para que os nossos amigos se pudessem sentir o mais à vontade possível.

Chegou o meio-dia e alguns dos nossos rapazes juntaram-se aos seus rádios para ouvirem a gravação na emissora de Coimbra, que tinha sido efectuada no dia anterior em nossa Casa.

Todos gostaram da reportagem, pois o locutor conseguiu dar uma interpretação real do que é a nossa Obra. Entretanto, depois do almoço, começaram a chegar os primeiros amigos de Coimbra.

Perto das 4 horas já tínhamos a Casa inundada de carinho e amizade. As 4 horas começámos o nosso convívio com a celebração litúrgica dominical. Depois do alimento espiritual foi o alimento material.

E assim descemos todos ao nosso salão de festas onde encontramos as mesas cheias de doçarias e outras coisas mais, tudo trazido por esta gente amiga.

Enquanto uns comiam, outros dançavam e cantavam conhecidas canções populares.

Tudo isto fazia com que nos sentíssemos todos uma só família onde transbordava o amor e a alegria.

Ao anoitecer estes nossos amigos começaram a despedir-se e a regressar aos seus lares, aproveitando os estudantes de Coimbra as boleias dadas nos vários carros para assim regressarem também aos seus postos de trabalho.

Via-se em cada rosto a alegria de um dia bem passado.

Foram-se os amigos mas ficou a amizade que nos une.

Antes de terminar quero agradecer a todos estes amigos que conviveram connosco durante estes dois dias, que nunca deixem de vir pois nós somos a porta aberta.

Jorge Calmeiro

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AUTO-CONSTRUÇÃO — Eles lançaram-se a construir a sua moradia, por necessidade absoluta. «Não queremos viver num barraco!» Ninguém quer. Os homens têm direito a habitação condigna.

O pouco que haviam amealhado (são um jovem casal) é transformado em pedra, tijolos, betão — muito suor, muitas lágrimas, muitas restrições heróicas.

A esposa é a Mulher forte de que nos fala o Evangelho. Motivou, em grande, esta loucura, idêntica noutras famílias por todo o Norte do País.

«A casa já está com a armação» — afirma hoje, delicadamente, a modos de quem perora auxílio, neste caso um «pequeno auxílio» que vamos entregar por justiça. Sim, não é esmola. Não é nada que humilhe. É um estímulo. Um dar de mãos. Uma partilha fraternal.

Muitas habitações são levantadas assim mesmo. Movimentam a família, os amigos, os vizinhos. Nesta roda frutuosa toda a gente que pode, com a força do seu trabalho e não só, são elementos construtivos. São fomento. São riqueza. Não falemos dos negativos, que os há. Mas até eles são a prova real de que, quem nada faz, prefere entrar o caminho dos Outros.

Voltemos ao fio da meada. Com a obra já no telhado, este casal está com os bolsos a abanar. O que é normal quando não há empréstimos formalizados... Até porque a remuneração do homem é pequena, como humilde funcionário municipal. Nestas circunstâncias, e para que a habitação não fique a meio — não fica! — conversaram os dois. E concluíram pela única via para sair do impasse: um empréstimo bonificado. Indicámos o caminho. E já andam por lá, na teia burocrática. A mulher vai na frente! O sonho de uma moradia condigna nasceu-lhe no peito, como boa dona de casa. Arrasta o marido. Arrasta a família. Quer ver o sonho completamente realizado, segundo o que os regulamentos preceituam. Convém sublinhar este pormenor, na medida em que, nesta região, essencialmente rural, pelo que nos é dado ver, pelos casos que nos passam pela mão, a construção clandestina é insignificante em relação a zonas suburbanas.

PARTILHA — Rua Coelho da Rocha, Lisboa, 200\$00 «com um abraço muito amigo», que retribuimos. Ainda de Lisboa, mil do assinante 31106 motivado por uma nota publicada na edição de 4 de Novembro. «Assinante do Seixal» não falta!; agora, com dois mil e cem, em vale do correio. Vicentina da Maia com uma oferta «sufragando as almas dos Pais». Sempre gostámos de ver, por cá, recoveiros dos Pobres. Assinante 22413, de Fátima, dois mil. Rua da Vilariinha, Porto, 200\$00 por «alma de Joaquim e Albertina». Agora, «Uma Mãe pede uma Avé-Maria» pelas suas intenções e afirma que a remessa devia tê-la enviado «antes do Natal, mas não foi possível. Creio que em qualquer altura serão bem recebidos». Muito bem. Assinante 23336 manda quinhentos pedindo «perdão por só agora cumprir este dever, mas os afazeres do dia-a-dia a isso conduzem muitas vezes». É doença do tempo vertiginoso que vivemos! António, de algures, distribuiu por vários sectores, inclusivé pelos Pobres à nossa conta. Farmacêutica de Coimbra — nossa velha Amiga — nunca esquece os Pobres, sobretudo em dias de festa; e aqui vai com quinhentos. Outra vez Porto com duzentos pela mão da assinante 26326. Mangualde afirma: «É com grande alegria que mando uma ajuda para as despesas da Conferência. Inicialmente pensei mandar 100\$00 por mês, mas nem sempre é possível. Este mês consegui dispor de 500\$00 e aí vão para quem mais precise deles». Lisboa, 200\$00. Azevedo, de S. Paulo (Brasil), 100\$00. Anadia, 700\$00. Um grande amigo do Rio de Janeiro, de visita à Terra-mãe, pôs em nossas mãos uma nota de mil selada com um forte abraço. O vale do correio habitual da rua Pascoal de Melo, Lisboa. 100\$00 de Cândida, Rio Tinto. O mesmo de «Velha Amiga», da capital. Metade de J. C. N., do Porto: Por fim, sossegamos Quitéria, d'algures. Suas cartas chegaram. Recomendamos, sempre que remeta algo para a Conferência, sublinhe o destino. De contrário, os nossos Padres, na abertura da correspondência, não têm dados para separação de valores. Entendido?

Para todos, muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

TEMPOS LIVRES — Os nossos tempos livres são ocupados de variadíssimas maneiras.

Como agora nem sequer há programa de Televisão ao meio-dia, é mais que urgente a ocupação dessas horas mortas em nossas Casas.

Os mais novos que agora já têm sua Casa equipada com jogos, que pouco duram na mão das crianças apesar do cuidado dos responsáveis, é um dos locais mais preferidos para o passatempo.

Ainda nos mais novos há a inclinação para a música que sai das latas dispostas em forma de bateria e dos microfones de pau. A falta de melhor...

Alguns dos mais velhos reúnem-se no bar a jogar damas ou xadrez, enquanto outros preferem a música da Rádio. Às vezes, o sono de alguns é interrompido com o toque da sineta que chama para o trabalho.

Temos um salão de dimensões razoáveis onde se pensa fazer uma sala polivalente. Mesas de ping-pong já lá estão e adeptos não faltam. São três mesas a funcionar e, mesmo assim, ainda há quem espere por vez ou até nem jogue por falta de tempo.

Ao domingo as ocupações são mais diversificadas. Os mais velhos, e que já têm par, vão namorar um bocadinho. E até faz bem.

Os mais novos correm, saltam, brincam e não se cansam também de jogar futebol toda a tarde. Só fazem um pequeno intervalo para merendarem e o jogo prossegue.

Também há os apaixonados pelo atletismo que vão dar as voltas habituais.

É indispensável a ocupação dos tempos livres. Somos cento e tal, não sei bem ao certo, e os jogos e os equipamentos de ginástica, etc., muito poucos!...

ELEIÇÃO DO CHEFE MAIORAL — Realizou-se no salão de festas, com a presença dos nossos casados e padres da Casa, a eleição de um novo chefe maior al no dia 7 deste mês.

Os mais pequenitos não votaram mas estavam presentes, já que o acto dizia respeito a toda a Comunidade. Foram eleitores todos os maiores de 14 anos com um ano de Casa e a 4.ª classe feita.

Os candidatos: Maciel, Costa, Pires, Humberto e Sérgio.

Antes do acto propriamente dito o P.e Carlos fez algumas considerações sobre a importância que este acto tinha na nossa comunidade.

«O chefe terá que ser capaz de abraçar a missão a que foi chamado.» Uma das frases proferidas pelo P.e Carlos.

É evidente que o chefe terá de ser capaz, com a ajuda daqueles que já são mais responsáveis dentro da nossa Casa, de olhar os problemas com coragem e resolvê-los mediante a sua personalidade, como ser frágil que é, e aliás todos nós somos.

O P.e Luiz dizia num dos números anteriores que «a primeira condição de um chefe é não desejar a chefia».

Quem a desejaria?! O cargo não é



É o casamento de Zaly e Toy, em Benguela.



SETÚBAL

Por Ernesto Pinto

● O fumar às escondidas entrou em nossa Casa como em muitos lares. Um dia destes foi o «Gata». Já não é a primeira vez que é encontrado em tal delíto — pois dum delíto se trata atendendo à idade. Nós não podemos consentir; ou então não somos pais. A experiência fala-nos e levou-nos a dizer ao «Gata» e a outros como se ganha tal vício, e as suas consequências. Falei-lhe e disse-lhe o que tenho dito aos meus filhos. Eu não sei se eles dão fé nestas idades, mas cabe-nos a nós combater, para que o hábito não seja vício. Eles têm tempo.

● Nesta quadra vai sendo tradição a ida dos nossos à Lisnave. Eu não sei quem teve a ideia. O que sei é que temos que agradecer a todos os que lá nos acarinharam e esperamos que a tradição continue.

● Eram vésperas de Natal. A mãe do Marcolino e do Amândio veio do Algarve para os visitar. É mãe. Passou por mim e diz-nos: «Olhe-me por estes meninos». Ela abalou e nós ficámos a pensar em tantas mães que são obrigadas a desprenderem-se dos seus «meninos» por via de não terem

meios morais ou materiais. «Olhe-me por estes meninos.» E nós queremos olhar por todos os que temos, mais de tantos que andam por lá. É nosso intuito de consciência senti-los como nossos filhos. Temos as nossas limitações humanas, mas temos fé em que alguns mais crescidos nos ajudem a «olhar» pelos irmãos mais novos. É assim que eles se realizam e se vão treinando para lugares de chefia. Nós acreditamos na divisa da nossa Obra: «De rapazes», para rapazes, **pelos rapazes**. Acreditamos sim, e queremos que os mais velhos se apercebam e se consciencializem de que todos são obreiros.

● O nosso Natal. Todos o esperámos: uns por isto, outros por aquilo, todos temos um motivo para o desejarmos. Ele é sempre como que a amostra da verdade que todos buscamos, mas que as coisas do mundo ofuscam: a humildade. Pois o nosso Natal foi vivido na alegria e no calor familiar. Nas vésperas era vê-los a preparar as coisas: uns na construção do presépio, outros a dar à Capela uma limpeza de festa, alguns no refeitório a enfeitar as paredes. A Árvore

não faltou. E lá está o pinheiro enfeitado, com luzes a acender e apagar.

A meia-noite celebrámos em nossa Capela a Palavra e a Eucaristia — porque «nem só de pão vive o homem»... Antes tinha sido a consoada no refeitório, aprazível com o calor saído das chamas do fogão.

Depois de sairmos da Capela tornámos ao refeitório com amigos das redondezas. Então saboreámos o leite com cacau mais outras guloseimas. Depois foi festa rija: Daniel colocava disco e tornava a pôr. Tudo dançou, tudo bateu palmas, tudo era alegria. Já era muito tarde, e o «menino Jesus», se não estava, fez que estava a dormir e foi pró quarto. Eu também vim mesmo. Eles ainda lá ficaram. Quando já era dia e fui lá fora, vi e ouvi o som das prendas. O «menino» não tinha adormecido!... Tem sido assim nos mais anos. Nós somos uma família.

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

tados? Estes descobrindo-o não querem outra vida.

Ainda também o esconder da justiça que a todos deve ser feita, antes e depois de toda a dádiva.

E igualmente a satisfação pelo dar, supondo que tudo ficou arrumado.

Dar, pelo que vimos até parece fácil. Basta montar o cenário. E então quando se tem muito até constitui alto prazer conjugar o verbo dar em todos os tempos e modos. Mas se em vez de transitivo o verbo dar se torna reflexo, quem o conjuga? O caso é mais sério. É que o complemento já não é dinheiro nem haveres, mas sim nós próprios. Ora pelo que se vê a tendência actual é para a eliminação da conjugação reflexa do verbo dar. Talvez fiquem os Pobres. Eles que nem dinheiro nem haveres possuem têm a sua própria pessoa para oferecer como ajuda e amparo aos que dela precisarem.

Isto é doutrina que tenho aprendido com os doentes que aqui tenho. Além da sua pobreza nada mais possuem. Mas esta é a sua maior riqueza. Não tendo nada dão-se a si próprios uns aos outros, numa entrelajada constante, alegre, discreta e eficaz.

E é por isso que naturalmente se escandalizam com o espectáculo de alguns funerais que daqui partem para a praça pública, onde os homens fingem que se amam.

Mas como eles, os Pobres não ficarão menos perturbados e humilhados com o espectáculo e a publicidade daquilo que se lhes faz o favor de dar.

Padre Baptista

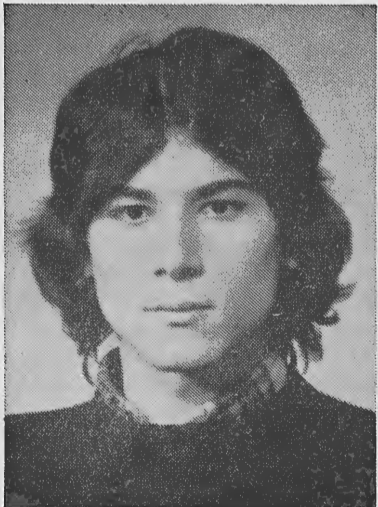
tão fácil quanto se pensa. Eu não tenho experiência própria, mas pelo que ouço dizer, dos que por lá passaram, acho que não deve agradar a ninguém e se por acaso agradar a coisa é ainda mais difícil.

Sabemos que a eleição do chefe é um caso muito sério e a liberdade de escolha, absoluta.

Foram 90 votantes, incluindo os que iam ser eleitos e para uma maioria absoluta eram precisos metade dos votos mais um.

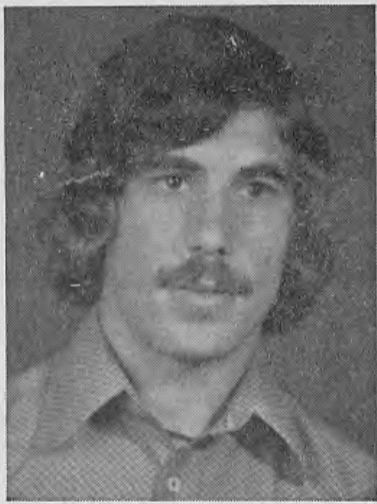
O resultado foi o seguinte: Maciel, 23; Sérgio, 2; Costa, 48; Humberto, 5; e Pirês, 4.

O chefe maior passou a ser o Costa, por maioria absoluta, logo no primeiro escrutínio.



Costa, novo chefe maior.

É de salientar que já há uma data de anos, e num acto destes, não aparecia o chefe logo no primeiro escrutínio! Isto mostra claramente que ele tinha e tem, com certeza, a simpatia e a admiração de uma grande parte da malta.



Maciel, sub-chefe.

Esquecia-me de referir que houve 6 votos nulos e 3 em branco.

No final, o ex-chefe maior, Jorge Alvor («Eusébio»), deu a palavrinha de despedida e disse: «Peço para que todos nós ajudemos o novo chefe, não com palavras e só hoje, mas com obras e sempre».

O «Eusébio», apesar das dificuldades que tinha, era e é estudante nocturno. De maneira que estava sobrecarregado. Como o Costa, aliás... Nem por isso lhe faltou o sorriso peculiar, e humor bem característico, para nos animar um pouco.

Depois, pediu-se ao novo chefe para dizer qualquer coisa. Estava nervoso (e quem não estaria?) não quis dizer nada!...

Resta desejar felicidades ao novo chefe. E que não desanime. Mas que saiba encarar os problemas com optimismo e com força, para poder corresponder àqueles que o chamaram ou escolheram para tão doloroso cargo.

«Marcelinos»

Oração do fim do ano

Neste Novo Ano que vem, Maria fica atenta à minha terra, que os tempos estão difíceis. Ensina o coração dos homens a encontrar o caminho certo, entre as espinheiras do ódio, do rancor e da inveja.

Livra aqueles que sofrem do mal do preconceito e ensina-os que todos os homens são iguais a teus olhos. Recorda aos violentos que a violência se redobra em violência e diz aos pacíficos que não temam as cóleras que passam pelas chamas e florestas.

«Dá-nos, Maria, a Paz dos estábulos e a tranquilidade das colheitas recolhidas.»

Olha os Pobres que, de tão pobres, só têm de seu sua pobreza. E dá-lhes Esperança nos dias melhores que hão-de chegar. Recorda aos ricos que o Reino não se compra com cheques avalisados e que não podem chegar a Ele com fortunas terrenas.

Dá boas nemas e bons pastos aos mucubais e aos cuanhamas e não deixes que o arame farpado lhes corte os trilhos seculares. Olha pelas chuvas no tempo certo, para que o milho, o massango, o feijão e a mandioca estejam no tempo certo em nossas bocas. E favorece com bom peixe os pescadores dos dongos e das traineiras.

Maria, os tempos na minha terra estão difíceis! Não te esqueças da Obra da Rua e de fazeres de cada Rapaz da Rua homem de amanhã perante Ti e a minha terra.

Atenta nas lavras dos quiocos, dos lundas e dos luenas e não deixes que dentro deles floresçam sementes daninhas.

Neste Novo Ano que vem, Maria ilumina os Políticos da minha terra e das outras e faz-lhes entender o que é justo e bom para os povos seus governados. Ensina-lhes que não há fronteiras dentro da Tua humanidade: que todos nós somos em Ti.

Maria! Olha a minha terra, onde os tempos estão difíceis.

Benguela, 31 de Dezembro de 1978

Solano

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

■ A Senhora assistente social já tinha telefonado várias vezes e ontem apanhou-me. Foi uma conversa longa. Tudo aquilo que disse já o tinha ido confirmar. «Um caso horrível de situação numa família. A mãe vai falar consigo.»

Meia hora depois estava à nossa porta aquela mulher-mãe. Alta e magra. Com trinta anos e já reformada, por doença. Mãe de cinco filhos e abandonada do marido há três anos. Ele já tinha mulheres e não mais quis saber da família.

Ela vive com os cinco filhos, só num quarto, em casa dos pais. A casa dos pais é pequena e estão amontoados. «No verão muitas vezes fui apanhar feno seco para fazer as camas.» Casa onde não há pão... e onde não há lugar... todos ralham e não se entendem.

Esta mãe veio por causa do filho mais velho, Zé Luiz, que tem oito anos e é muito espancado pelos avós. Ele grita e foge e anda por lá. Ouvi e prometi ir lá ver.

Fui. Era noite. Muita lama na estrada. Primeiro fui falar com a professora do Zé Luiz. No primeiro ano de escola o Zé Luiz só aprendeu as cinco vogais e não conseguiu contar até dez. No segundo ano já aprendeu as consoantes, mas só este ano está a começar a juntar as letras.

Batemos à porta da casa dos avós do Zé Luiz. Era tudo escuridão. Veio logo à estrada a

mãe com os cinco filhos. «Olhe que tu vê lá como respondeu o senhor!» O Zé Luiz ainda não sabe quantos anos tem.

Regressei a casa com o coração mais triste e escuro do que a noite.

■ Hoje a mãe do Fernando veio com ele buscar o resto da roupa, a mala da escola, as botas. Vinha muito triste porque o Fernando continua a fazer muitos roubos. «Agora experimentei levá-lo a um hospital que tem conhecimento de espíritos. Olhe, a gente não sabe. Quem morre não deva andar por cá, mas... a gente não sabe. Olhe o menino ter andado mais **assossegado**.»

O Fernando tem nove anos. A pedido do Tribunal já esteve na Casa do Gaiato. E depois na Tutoria. E agora voltou à rua e a trazer muita gente amedrontada. E a mãe do Fernando tem de recorrer ao bruxo.

O Fernando vinha muito sujo e nunca mais lhe cortaram o cabelo. Deu-me um beijo quando chegou e outro quando partiu. Vi partir os dois para um vida desconhecida, bem mais cada pela tribulação.

■ Se chegarmos ao fim deste ano e crianças como Paulo, o Zé Luiz e o Fernando tiverem o seu lugar e todo reconhecermos que todas as crianças têm direito a ter o seu lugar, sentiremos a alegria de que alguma coisa fizemos por um ano mais feliz.

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

«Vemos de ir às fontes, à origem, à primeira célula que apareceu na Terra — a Família. A lareira é uma Universidade.» (Pai Américo)

Publicou a Conferência Episcopal Portuguesa, com data de 1 de Janeiro, uma Nota Pastoral a propósito do Ano Internacional da Criança, pondo em evidência, para lá do mais, a importância da instituição familiar. Aliás, noutras ocasiões e circunstâncias, tem a Igreja e nomeadamente os Bispos Portugueses, posto em evidência o «assalto» que se processa ao baluarte chave de toda a estrutura social, sugerindo medidas adequadas de defesa e denunciando as tentativas de destruição da Família, às vezes capciosas, que se vislumbram por todos os lados.

Falar da Criança supõe, efectivamente, olhar a Família como o meio natural e insubstituível onde se devem afirmar, desabrochar e se desenvolver todos os valores que lhe dizem respeito. Só com Famílias sãs será possível garantir os direitos da Criança.

A Constituição Portuguesa, no seu artigo 67.º, diz-nos que «o Estado reconhece a constituição da família e assegura a sua protecção». É evidente, porém, que se o Estado diz reconhecer a constituição da Fa-

mília está longe de assegurar a sua protecção. Diríamos, até, que sob o ponto de vista prático, ao fim e ao cabo, estamos ante um jogo de palavras, inócuo e inconsequente.

Fala a alínea a) do artigo citado na promoção da independência social e económica dos agregados familiares. Ora, o que vemos? Como diz a Nota Pastoral citada: «Condições deficientíssimas de alojamento, de alimentação e de saúde de que sofrem muitos milhares de crianças». Na alínea b) do artigo em causa aponta-se como incumbência do Estado «desenvolver uma rede nacional de assistência materno-infantil...». Infelizmente, porém, a inflação pseudo-revolucionária de creches e de zonas infantis, degenerou na estragação de valores e num retrocesso, não raro, com o aviltamento do já existente. Aponta a alínea c) para a necessidade do Estado «cooperar com os pais na educação dos filhos». Tragicamente, o que se tem observado? O Estado, excedendo-se na sua acção tutelar e de promoção da criança, procura absorver a Família ou su-

bstituí-la, esquecendo a prioridade da missão educativa daquela. Quer dizer, de maneira expressa ou implícita, o Estado concorre para a «socialização» da criança, coisificando-a, na linha dos que pretendem desligá-la do seu ambiente próprio. A alínea d) põe em evidência o problema do planeamento familiar. E o que temos observado? No esquecimento dos valores éticos mais fundamentais, numa visão tecnicista à boa maneira da procriação de simples animais, perde-se o respeito pelas leis da Natureza, a educação do amor e da sexualidade e o auxílio aos casais que todo o planeamento deve impor; os filhos não desejados e o egoísmo dos progenitores serão motivos permanentes de tensões e de frustrações, imprevisíveis nas suas funestas consequências. Não se apalpou ainda que o conteúdo da alínea e) — «regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos

familiares» — tenha passado à prática, por exemplo, para não falar em mais, na adopção dum esquema de abono de família progressivo.

Da breve síntese analítica do artigo 67.º da Constituição que apresentamos, fácil é concluir como não custa nada articular um texto. Vai falar-se muito nos Direitos da Criança mas pouco os defenderemos ou garantiremos se a Família não for considerada o cerne, «a lareira», «a primeira célula», «a Universidade» de toda a estrutura social e humana. Para o efeito há que realizar acções adequadas de promoção e de a defender, pela prevenção do que a pode destruir ou abalar, como o dessoramento moral, a pornografia, a liberalização do divórcio e a adopção do «abominável» crime do aborto. Não tenhamos dúvidas: sem famílias fortes e coesas, amparadas e respeitadas, não se poderão assegurar os direitos das Crianças. No nosso dia-a-dia de padres da rua é o que apalpamos, vemos e sentimos, em relação a todos os quadrantes sociais. Continuaremos.

● Queremos comungar com os nossos Amigos a alegria que todos sentimos ao receber dum grupo de cidadãos

Nórdicos, residentes em Portugal, uma aparelhagem sofisticada, estereofónica, de giradiscos, gravador de cassetes, umas tantas destas, rádio e duas colunas. Faltam-nos apenas um amplificador, um micro e uns auscultadores, para termos a aparelhagem indispensável às nossas Festas, dizem-nos os «técnicos» cá da Casa. Para bom entendedor meia palavra basta...

● O Luís de Albuquerque, operado ao coração aqui há tempos, parece ter necessidade de nova intervenção cirúrgica. Por tudo isto, pelo seu aspecto franzino e pela cruz enorme que pesa sobre os seus fráteis ombros, é alvo de carinhos especiais. Procura-nos com frequência e sentimos quão longe estamos de lhe poder dar e não só a ele, os carinhos a que tem direito. Um dia destes, após ter almoçado, chegou-se à nossa mesa e agarrando no copo de vinho levou-o à nossa boca, à maneira de mimo. Bebemos da sua mão infantil, mas mais do que o líquido, «ingerimos» o doce do gesto. Como desejaríamos ter a veia poética de Pai Américo para saber cantar um hino de glória!

Padre Luiz

Lar Operário em Lamego

A operação «Pirâmide» ocupou o espaço de muitos jornais e o tempo da Rádio e Televisão. Galvanizou os espíritos e tocou os corações de milhares de portugueses e até não portugueses. Não se distinguiram idades, nem credos, nem mesmo vontade de dar entre os que tinham mais e os que tinham menos haveres. Os modos de expressão eram variados, mas as ideias davam nas somas resultados iguais: **ajudar quem mais precisa**. Se uns afirmavam que a «Pirâmide» se devia repetir todos os dias, outros juravam que era bom não ser preciso realizar-se. Uns e outros queriam chegar ao mesmo ideal.

Enquanto se observava toda aquela romagem de solidariedade e se levantavam «Pirâmides» por todo o lado e até parecia que as 24 horas não iam chegar para todos manifestarem o afecto pelo seu semelhante, outras pirâmides de sofrimento e dor naquele mesmo dia 16 se ergueram à nossa porta.

Na manhã desse sábado um chefe de família morria debaixo duma máquina agrícola. Uma filha está conosco há vários anos e era chamada pelos gritos dolorosos da mãe a dizer-lhe que o pai tinha sido vítima dum desastre. Ficámos sem perceber naquele turbilhão de lágrimas, de choro e palavras incertas, porque abafadas pelos soluços, se a dor era maior pelo marido que fora para o Hospital a fim de lhe passarem somente o certificado de óbito, ou se pelos nove filhos que ela via diante de si, sem aquele braço forte que ganhava o sustento para todos. E a pirâmide crescia negra e cheia de angústia à medida que os familiares se juntavam a chorar o triste acontecimento e a dizer: — O que vai ser deles?!... Dos nove filhos, só três poderão, como serviçais, ajudar. Os outros seis mal cabem, como dizem por estes lados, debaixo duma rasa. Ainda ficaria alguma coisa em casa dos que acorreram com simpatia a construir a «Pirâmide» da Cruz Vermelha, para ajudar agora a erguer esta pirâmide de cruz pesada e de cor indefinida? Estamos convencidos de que se encontra no coração aquilo que tantas vezes falta na algibeira. Por certo que no dia 16 não se esgotou o amor pelos Irmãos. Essa semana fora de vendaval ciclónico nesta região. Caíram árvores, desmoronaram-se casas, fugiram telhas, desapareceram beirais. Mais pirâmides que se levantaram de famílias que nos procuravam porque não podiam estar em casa com a chuva que entrava por todos os lados; que tinham a perder-se os poucos haveres que possuíam. Era preciso uma sala, um tecto, uma garagem, um refúgio onde passassem as noites mais próximas e se pusessem a salvo alguns móveis. Encontrar respostas que fossem remédio, foi a nossa preocupação, mas com toda a verdade temos de confessar as nossas limitações. É preciso reparar o que ficou danificado. Sem cruzarmos os braços pouco mais faremos do que dar auxílios simbólicos ou presenças de simpatia. Isto, porém, poderá constituir material de construção?!...

Padre Duarte

RETALHOS

● Mais uma vez neste Natal sentimos a presença de muitos amigos com a sua ajuda. A Obra não é nossa, mas também de todos aqueles que directa ou indirectamente colaboram nela. Assim com a ajuda de todos a Obra caminha em nome d'Aquele que veio à Terra partilhar a vida dos homens para os salvar.

Das muitas presenças chegadas até nós, nas mais diversas formas, eu trago até vós a do pessoal da Cinca que na manhã do dia 24 de Dezembro veio até aqui, num autocarro, entregar-nos o que com o maior carinho juntaram para nos trazer. Chovia a cântaros, e entraram para a casa-mãe. Quando os nossos mais pequenos chegaram junto deles, cantaram uma canção de Natal, ao mesmo tempo que entrava o Pai Natal com um grande saco de presentes que foi distribuindo.

Mais, muito mais, do que o que nos trouxeram, significa o gesto de vir até aqui, deixando cada um as suas famílias por umas horas, num dia em que isso na verdade representa sacrifício.

Foi um belo presente de Natal esta expressão de amor. Bem hajam.

● Um outro grupo, tendo ouvido dizer que não tinham bacalhau para fazer a ceia, imediatamente organizou uma pequena pirâmide, para nos trazer com que fazer a mesma. Lá veio bacalhau, azeite, bolo-rei, etc... Tudo entregue por mão própria na nossa despensa.

● Muitos mais gestos de amizade embelezaram o nosso Natal; gestos que brilharam nos olhos dos nossos mais pequenos quando viram os bonecos que o Menino Jesus lhes trouxe, também oferecidos por outras mãos amigas.

O «Bombeiro», que desde que nasceu teve uma vida difícil, sem família onde se festejasse o Natal, quando recebeu a prenda ficou tão contente que não parava de a mostrar:

— Gosto de tudo.

● Um novo ano principiou. Que o Senhor nos fortaleça e nos encoraje a seguir os Seus Caminhos. Nos encha da Sua Graça, a nós e a vós que nos ledes com olhos amigos.

Padre Abel

NOTAS do TEMPO

Cont. da 1.ª pág.

ma foto-composição? São milhares...!

Quem dera que o tempo e o meio ajudassem os nossos Rapazes a suprir pelo esforço da equipagem as carências do equipamento! Uma compreensão sensata do dinamismo evolutivo, com certeza necessário e justo se à medida da resistência e estabilidade da base, que só ela permitirá sem derrocada todas as transformações posteriores.

Padre Carlos



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa